

ENTRE A PRANCHA E A REDE: as contradições entre a prática do kitesurf e a pesca artesanal segundo os pescadores da Praia da Pedra do Sal (Parnaíba-PI)*

Alexandre Wellington dos Santos Silva¹

Edgleison Sousa dos Santos²

Resumo

O presente trabalho é obra dos estudos de campo e debates teóricos desenvolvidos pelo GT “Trabalho e Natureza” do NEAMA - Núcleo de Estudos Aplicados ao Meio Ambiente, tendo o seguinte problema: Quais as consequências da prática do Kitesurf na pesca artesanal? Seu recorte espacial situa-se na praia da Pedra do Sal (Parnaíba-PI), e se constrói através de entrevistas com pescadoras/es da região, assim como pesquisas bibliográficas, discutindo as experiências dos pescadoras/es da comunidade da Pedra do Sal e a prática do Kitesurf; expondo a percepção destes a respeito das consequências da prática do esporte em longo prazo.

Palavras-chave: História Ambiental; Kitesurf; Pesca Artesanal; Trabalho.

Resumen

El presente trabajo es obra de los estudios de campo y debates teóricos desarrollados por el GT "Trabajo y Naturaleza" del NEAMA - Núcleo de Estudos Aplicados ao Meio Ambiente, teniendo el siguiente problema: ¿Cuáles son las consecuencias de la práctica del Kitesurf en la pesca artesanal? Su recorte espacial se sitúa en la playa de Pedra do Sal (Parnaíba-PI), y se construye a través de entrevistas con pescadores/as de la región, así como investigaciones bibliográficas, discutiendo las experiencias de los pescadores/as artesanales de la comunidad de la Piedra de la Sal y la práctica del Kitesurf; exponiendo la percepción de estos respecto a las consecuencias de la práctica del deporte a largo plazo.

Palabras-clave: Historia Ambiental; Kitesurf; Pesca Artesanal; Trabajo.

* Trabalho apresentado durante a II Semana de História da UESPI (Parnaíba, 2015).

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí. Membro do Núcleo de Estudos Aplicados ao Meio Ambiente - NEAMA (GT Trabalho e Natureza). Mestrando em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista CAPES/CNPq. Email: awss.phb@gmail.com

² Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí. Membro do Núcleo de Estudos Aplicados ao Meio Ambiente - NEAMA (GT Urbanização, Desenvolvimento e Meio Ambiente). Email: edgleisonsouza.18@hotmail.com

Introdução

Por volta do início dos anos de 1970, pesquisadores estadunidenses de diversas áreas, motivados pelas constantes manifestações populares engendradas pelas contradições entre o uso dos recursos naturais e os problemas que estes acarretavam, decidiram por investir seus estudos dentro da área. Através disso, surgem áreas do conhecimento como a Ecologia Política, a Antropologia Ecológica, a Sociologia Ambiental, e a História Ambiental. Destas problemáticas, surge a *American Society for Environmental History*¹ no ano de 1977, um marco de consolidação para as pesquisas concernentes à História e ao Meio Ambiente.

A História Ambiental possui peculiaridades consideráveis, se comparadas às outras correntes historiográficas. A fundamental, porém, talvez seja a tentativa de dar “(...) importância ao lugar” e a tentativa de “associar a história humana com os sistemas naturais” (WINIWARTER, 2010. p. 02). Em outras palavras, a busca de perceber as “(...) interações entre os sistemas sociais e os sistemas naturais, e as consequências dessas interações para ambas as partes, ao longo do tempo” (PÁDUA apud CASTRO, 2010. p. 91), isto é, tirar o ser humano do antropocentrismo e considerá-lo como produtor e produto do meio em que vive. Por conta do exposto acima, a teoria da História Ambiental torna-se uma ferramenta fundamental para explicitar as relações entre trabalho humano² e natureza³, interação esta

explicitada neste trabalho através da pesca artesanal, definida como

“(...) uma atividade milenar, na qual os pescadores e pescadoras exploram os ecossistemas aquáticos de acordo com as características fisiográficas e condicionantes ambientais locais, determinantes na ocorrência de espécies e formas de captura (...). Assim, as comunidades pesqueiras tradicionais fundamentam suas atividades no conhecimento empírico adquirido, acumulado e repassado através de gerações (...).” (BASÍLIO & GARCEZ, 2014. p. 43).

dades, su comprensión y su fuerza, toman parte, sin saberlo, en este lento trabajo de transformar la superficie de la tierra en un lugar más favorable para la vida animal. Pero este trabajo sólo se hace propiamente humano cuando comienza a satisfacer no sólo las necesidades fijas e inevitablemente limitadas de la vida animal, sino también, las necesidades del ser social pensante y hablante que pretende conquistar y realizar plenamente su libertad”. (BAKUNIN, 1978. p.84).

³ O conceito de natureza percorre também o debate político, filosófico, sociológico e religioso, uma vez que seu conceito é definido por inúmeros teóricos em diversas épocas históricas. DULLEY (2005) em seu trabalho intitulado “Noção de Natureza, Ambiente, Meio Ambiente, Recursos Ambientais e Recursos Naturais” elenca uma quantidade considerável de tipificações para o termo. Apesar disso, utilizamos para o trabalho a definição de Bakunin (2014, p. 339), quando este afirma que: “Poderia dizer que a natureza é a soma de todas as coisas que tem existência real. Sem dúvida, isto proporcionaria um conceito de Natureza totalmente privado de vida, quando ela nos aparece, pelo contrario, como cheia de vida e movimento. Mesmo assim, o que é a soma de todas as coisas? As coisas que existem hoje não existirão amanhã. Amanhã não desaparecerão, mas estarão completamente transformadas. Em consequência, me encontrarei muito mais perto da verdade se digo: A Natureza é a soma das transformações efetivas das coisas que existem e que se produziram incessantemente dentro dela mesma”.

¹ Sociedade Americana pela História Ambiental

² Conceito definido pelo filósofo russo Mikhail Bakunin para diferir a transformação do meio em que se inserem realizado por seres humanos das outras espécies de animais, considerando-o categoria fundante da humanização e emancipação destes primeiros: “*Todos los animales deben trabajar (...). Todos ellos, de acuerdo con sus necesi-*

Esta modalidade de pesca, por sua vez, não está isenta de interferências exteriores. A prática do Kitesurf⁴ é um exemplo dessa intervenção. A relação conflituosa entre o exercício do trabalho e a atividade esportiva é a temática abordada na presente pesquisa.

Vozes do Mar

A praia é o espaço de constituição de relações sociais que unificam as experiências cotidianas entre indivíduos, uma interação que torna obsoleta a diferenciação entre homem-natureza, uma vez que estes se compreendem como integrantes desta. É através do mar que os pescadores consolidam sua atividade como fundante das sociabilidades e das características individuais e coletivas, dando corpo, através disso, às noções de comunidade tradicional, definida juridicamente como

“(...) grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”. (Decreto nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007)

Para esta pesquisa, foram realizadas entrevistas com cinco pescadores com

base na História Oral⁵, objetivando compreender as interações entre os praticantes de Kitesurf e os pescadores artesanais, e destas, três foram escolhidas para o presente trabalho. Considerando as possíveis retaliações, seus nomes não serão divulgados, sendo representados através dos termos “P1”, “P2” e “P3”.

Durante todo o tempo das entrevistas, e em diálogos não registrados eram constantes os relatos de como a prática do kitesurf impossibilita a pesca. A principal contradição reside no fato de que o esporte afasta da orla da praia as saunas, peixes que são base da alimentação de peixes de maior porte, que por sua vez são pescados e servem para a subsistência e fonte de renda para os pescadores, como afirma P1:

“As saúna ficam na beira da praia, e os peixe grande vem comer elas, tá entendendo? Quando esses kitesurf aparece, espanta as saúna por causa do movimento deles e a gente não pesca nada porque os peixe grande não vem, entende?”

Segundo os mesmos, sempre que existe um praticante de kitesurf utilizando a praia, não há pescaria, como se pode observar nas palavras de P1, quando declara que “Ainda hoje mesmo eu ouvi (...) que os caras tavam praticando o kite na área deles lá, e foi três dias sem peixe”.

A resistência e a passividade de outras comunidades ante o kitesurf são exemplos para estes trabalhadores, e constantemente revelam duas realida-

⁴ “(...) uma combinação do surf, windsurf e wakeboard (...). Rios, lagos e mar são ambientes propícios para a prática deste esporte (...). Por ter condições climáticas privilegiadas, a prática do kitesurf é favorecida no litoral brasileiro. Este fato tem contribuído para a crescente popularidade deste esporte no país”. (LUCENA et al., 2013. p. 02).

⁵ “(...) metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea”. (CPDOC, s/p).

des, a da Praia da Barra Grande (PI) e em Camocim (CE). A primeira é reconhecida por conta da ocupação de suas terras por estrangeiros⁶, e da decadência da pesca e de sua comunidade tradicional de pescadores; a segunda é considerada pela combatividade, sendo apontado que em diversos conflitos entre praticantes do esporte e pescadores, os segundos cortaram as pipas e os expulsaram da praia.

O futuro da pesca e dos/as pescadores/as

A prática do Kitesurf não é frequente na Praia da Pedra do Sal. A preocupação dos pescadores quanto a temática aumentou por conta da instalação do complexo residencial e hoteleiro Pure Resorts - Hotels & Residences, que conseguiu, de forma ainda desconhecida, usar parte das terras pertencentes à comunidade para desenvolver um projeto “composto por 400 (quatrocentos) lotes residenciais, distribuídos em 15 (quinze) quadras e subdivididos em 03 (três) etapas de execução⁷” e um Resort. No projeto do empreendimento, consta uma estação de ensino e prática do Kitesurf para seus hóspedes e visitantes.

Diante disso, os pescadores da Praia da Pedra do Sal começam a refletir sobre a condição futura que os aguarda, como aponta P1:

“Resort, loteamento, todos eles têm kitesurf. (...) Aí tem Pontal do Delta, Pure Resorts, tem mais outros pra chegar, aí eu posso dizer

⁶ Existe um trecho da localidade denominado de “Rua dos Gringos”, onde é possível perceber como a especulação imobiliária afetou a vida dos pescadores.

⁷ Estudo de Impacto Ambiental - Relatório de Impacto Ambiental (EIA-RIMA) do Pure Resorts - Hotels & Residences.

assim: Se um dia um tiver praticando kite, outro dia outro, aí a gente tem a certeza que nesses dias não vai ter peixe”.

P1 percebe a fragilidade da questão e aponta para que se um destes megaempreendimentos se instalarem, outros da mesma forma virão. Para P2, caso o complexo se aloje na Praia da Pedra do Sal, a prática da pesca artesanal será dificultada ou extinta, e uma vez sem fontes de subsistência, não restará alternativas a não ser a migração para outros locais:

“O kitesurf, que vai acabar com a pesca nossa, que eles vão querer andar nessas áreas aqui do litoral todinho aqui dessas praias (...), onde nós pesca a saúna de dia e de noite pra fazer isca, e não só isso como também o pessoal que pesca de rede, Camurim, Pescada Amarela, xicaroa, curumã e outros mais (...). Essas redes que eles pesca, se esse kitesurf entrar, eles vão acabar com todo esse sistema de trabalho desses pescadores. Pra nós isso aí vai ser uma dificuldade muito grande. Eu mesmo já até pensei nos meus planos de sair daqui porque eu vejo que daqui a algum tempo se isso aí for constatado que vai ser montado esse plano dentro dessa área aqui, nós não vamos ter acesso à pesca, e a pesca vai ser muito mais difícil pra nós do que era antes”.

P3 aponta as contradições que possibilitam perceber os motivos da atual situação dos pescadores artesanais da Pedra do Sal, e as consequências socioambientais da execução do projeto do resort:

“(...) esse bando de amaldiçoado vão acabar com tudo. Dizem que vão fazer o futuro da Pedra do Sal, mas não vão não, vão des-

truir é isso aqui ó [P3 mostra um camarão com cerca de 10cm], (...) eles vão privatizar, eles vão fazer tudo, eles vão meter esgoto, eles vão fazer o que eles quiserem. Só vai ter lastimação no futuro. (...) nós somos abandonados pelos políticos, nós somos abandonados pelo poder público, nós somos abandonados pelo poder público, e eu queria que tivesse alguma pessoa de visão e olhasse para a Pedra do Sal e respeitasse a nossa comunidade de verdade e deixassem nós viver feliz do jeito que nós somos”.

Esta realidade é partilhada por inúmeras outras comunidades pesqueiras do Brasil¹² e do mundo, uma vez que se situam a margem do capitalismo nacional e internacional. O ataque às comunidades pesqueiras é uma constante, perpetrado através do poder público e privado, como aponta Freitas & Seixas (2011. p.02)

“O pescador artesanal que vive na zona costeira enfrenta desafios relacionados a ecossistemas vulneráveis impactados pela atividade urbanoindustrial intensiva e desordenada, especulação imobiliária, pesca predatória e um modelo de turismo de massa apoiado em grandes resorts e condomínios de luxo”.

Resultados prévios

A questão destacada pelo presente artigo tomou foros municipais, sendo discutida por amplos setores da sociedade, como universitários, moradores da região e políticos locais. Gomes (2015, s/p), que responde pela última esfera destacada, declara que os que apoiam a resistência dos pescadores artesanais sustentam-se “no discurso do ‘mito da natureza intocada’ de Diegues”, e esclarece: “O grande desafio do mundo moderno não é a preservação pura, simples e poé-

tica dos recursos naturais, senão o estabelecimento de uma gestão sustentável”. Seu posicionamento expõe as considerações que as elites políticas locais defendem e encontra reverberação nas teorias desenvolvidas por ALIER (2011), que define a questão ecologista dividida em três grandes eixos:

O “culto à vida silvestre”, concebendo a natureza como um ambiente a preservar de forma intocável, e que “(...) surge do amor às belas paisagens e de valores profundos, jamais para os interesses materiais”. (ALIER, 2011. p. 22). O “evangelho da ecoeficiência” é característico dos “ecodesenvolvimentistas”, e “acredita no ‘desenvolvimento sustentável’, na ‘modernização ecológica’ e na ‘boa utilização’ dos recursos”. (ALIER, 2011. p. 26). Por fim, o “Ecologismo dos pobres” (Justiça ambiental ou Neonarodnismo) admite que as comunidades que tem contato próximo com a natureza assumem uma postura de interligação e interdependência desta:

“(...) não é uma reverência sagrada à natureza, mas, antes, um interesse material pelo meio ambiente como fonte de condição para a subsistência; (...) muitas vezes os grupos indígenas e camponeses têm co-evolucionado sustentavelmente com a natureza e têm assegurado a conservação da biodiversidade”. (ALIER, 2011. p. 34).

Tal percepção é construída através de leituras, estudos de campo e documentários, como o “Vento Forte”, lançado em 2014 pelo Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP), mostrando os conflitos socioambientais dos pescadores e pescadoras de diversas localidades no país.

Dentro da lógica defendida por Alier, Gomes ancora-se na teoria da “ecoefici-

ência”, e aponta que os opositores do projeto residencial e hoteleiro do Pure Resorts apoiam “o culto à vida silvestre”. O que não percebe, porém, é que os pescadores e demais moradores da comunidade da Pedra do Sal não só defendem, mas vivem o “ecologismo dos pobres” ou “neonarodnismo”, tendo um sistema de percepção e lógica ecológica determinada pela interação histórica que estes possuem com a natureza e vice-versa.

A comunidade encontra-se dividida pelas promessas empregatícias da empresa em curto prazo. A política do “dividir para conquistar”, apesar de efetiva, é combatida por setores organizados da localidade, como os pescadores, artesãos, extrativistas e criadores que percebem o dano de um empreendimento deste porte trata para a comunidade.

Referências

ALIER, Juan Martinez. **O ecologismo dos pobres: Conflitos ambientais e linguagens de valoração**. São Paulo: Contexto, 2011.

BASILIO, Thiago Holanda & GARCEZ, Danielle Sequeira. *A Pesca Artesanal no Estuário do Rio Curu, Ceará - Brasil: Saber local e implicações para o manejo*. **ACTAPESCA - Acta Fisheries and Aquaculture**, v. 2, 2014. <<http://zip.net/bnrym5>> Acessado em 02.06.2017, às 13:55.

CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil). **O que é História Oral**. <<http://zip.net/bqry54>>. Acessado em 05.06.2017, às 00:55h.

DULLEY, Richard Domingues. *Noção de Natureza, Ambiente, Meio Ambiente, Recursos Ambientais e Recursos Naturais*. **Agric. São Paulo**, São Paulo, v. 51, p.

15-26, 2004. <<http://zip.net/bxrzhg>> Acessado em 03.06.2017, às 13:15h.

FERREIRA, Andrey Cordeiro & TONIATTI, Tadeu Bernardes de Souza (orgs.). **De baixo para cima e da periferia para o centro: Textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica de Mikhail Bakunin**. Niterói: Alternativa, 2014.

FREITAS, Rodrigo Rodrigues & SEIXAS, Sônia Regina da Cal. *A Pesca Artesanal frente às instituições sociais modernas e os desafios do desenvolvimento territorial*. **Revista VITAS - Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade**. Nº 1, 2011. <<http://zip.net/bcryhz>> Acessado em 05.06.2017 às 22:05h.

GOMES, Fernando. **Populações Tradicionais da Pedra do Sal: quem as defende**. <<http://zip.net/bqry51>>. Acessado em 18.06.2017 às 10:33h.

LUCENA, Angélica B., SILVA, Priscilla P. Costa da & BRASILEIRO, Maria Dilma S. *A prática do kitesurf e o universo da preservação ambiental*. **Revista Licere**. Belo Horizonte, v.16, n.1, 2013. <<http://zip.net/bgrx48>> Acessado em 07.06.2017, às 01:03h.

MAXIMOFF, G.P. **Mijail Bakunin: Escritos de Filosofia Política - Tomo I, Crítica de la Sociedad**. Alianza Editorial: Madrid, 1978.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades (Decreto Nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007)**. <<http://zip.net/bxrzhF>> Acessado em 20.06.2014 às 22:00h.

PÁDUA, José Augusto. *As bases teóricas da história ambiental*. **Estudos avançados**. v.24, n.68, 2010. <<http://zip.net/bjryd5>> Acessado em 05.06.2017, às 19:08h.

SEMAR - Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **EIA-RIMA do Pure Resorts - Hotels & Residences**. (<http://zip.net/bqry6r>) Acessado em 04.06.2017 às 18:08.

WINIWARTER, Verena. *Abordagens sobre a História Ambiental: um guia de campo para os seus conceitos*. **Abordagens Geográficas**. Vol.01, n.01, 2010. <<http://zip.net/bnrym3>> Acessado em 05.06.2017, às 13:00h.